

XV SEUR – 15 Anos de Estudos Urbanos e Regionais

Fronteiras Discursivas na obra de Harry Potter e a Pedra Filosofal: uma análise do discurso totalitário como limítrofe entre os de “dentro” e os de “fora”.

Leonardo Kegles, Universidade Federal de Pelotas, kegles_leonardo@hotmail.com

Yves Pereira de Sousa Tavares, Universidade Federal de Pelotas, yvestavares@hotmail.com

Tiaraju Salini Duarte, Universidade Federal de Pelotas, tiaraju.ufpel@gmail.com

Resumo

O presente artigo traz, a partir de conceitos de território e fronteira, uma abordagem da constituição de fronteiras discursivas da obra *Harry Potter e a pedra filosofal*. Destaca-se que esta obra apresenta-se como uma grande influenciadora da cultura popular do século XXI, no qual, ao longo dos 07 livros, a autora traz a tona discussões importantes sobre a constituição do totalitarismo como movimento social de exclusão e inclusão. Doravante, podemos compreender que a narrativa constrói uma bipolarização e a construção de uma fronteira que divide os “de “dentro” e os de “fora” do mundo da ficção. Frente a esta problematização, o presente artigo tem como objetivo de compreender as fronteiras discursivas construídas a partir da emergência do totalitarismo da narrativa. Esta análise ocorrerá tendo como base referências bibliográficas de autores como Rogério Haesbaert (2013), Michel Foucault (1996) e Hannah Arendt (1989).

Palavras-chave

Território; Fronteiras Discursivas; Totalitarismo; Harry Potter

1. Introdução

Os livros que envolvem o universo Harry Potter, em conjunto com os 08 filmes, constituem-se como um grande influenciador da cultura popular mundial do século XXI. Segundo a editora Bloomsbury (2018), até 2017, os sete livros da saga venderam cerca de 450 milhões de unidades, sendo traduzidos para 79 línguas e alcançando um total de 200 países. Em dezembro de 2016, os filmes que envolvem o universo literário obtiveram um lucro de R\$ 7,2 bilhões, transformando-se num dos maiores fenômenos do cinema mundial.

De origem britânica, a autora inglesa Joanne Kathleen Rowling, ou como é conhecida mundialmente, J.K Rowling criou uma cronologia literária voltada ao gênero aventura e

fantasia. Seu primeiro livro foi intitulado Harry Potter e a Pedra Filosofal (1997) e seu último livro, Harry Potter e as Relíquias da Morte (2007) completa a saga, totalizando 07 obras em um período de 10 anos. Além dos livros, a produtora e distribuidora de filmes e entretenimento televisivo Warner Bros. Entertainment adquiriu direito autorais para a produção de filmes, sendo a Pedra Filosofal lançada em 2001.

As aventuras de Harry Potter são ambientadas durante a década de 1990 no Reino Unido, ou mais precisamente, em uma escola fictícia denominada de Escola de Bruxaria e Magia de Hogwarts, onde os personagens principais passam a maior parte de seu tempo aprendendo sobre o mundo bruxo. A cada livro um novo ano se passa, fazendo alusão aos anos de educação secundária e criando uma série de leitores que acompanharam anualmente as publicações da autora.

No que concerne a obra, a autora cria o universo a partir da visão binária (e discursiva) de dois grandes grupos étnicos de indivíduos que convivem: os primeiros são intitulados de bruxos, aqueles que são portadores de magia; os segundos são denominados de trouxas, aqueles que não possuem magia. Este último grupo possui três subdivisões: os nascidos-trouxas, os mestiços e os puros-sangues¹.

Para explicar melhor essas subdivisões, a autora nos remete a compreender que a que a magia é transmitida através dos genes, sendo a magia uma característica biologicamente recessiva. Com isto, surge um grupo social que se baseia em sua condição biológica, isto é, este grupo seria composto apenas por puros-sangues, originando a ideologia puro-sangue¹.

A partir desta divisão, tendo como base os processos de formação étnicas elencados ao longo da obra, constrói-se a primeira grande fronteira discursiva que permearia toda a obra, ou seja, a separação de grupos em conjunto com o desenvolvimento de ideias de exclusão e aniquilamento social a partir de uma suposta superioridade hereditária.

Logo, a obra possui uma significativa relevância mundial, principalmente no que diz respeito à constituição de um imaginário social da pós-modernidade, misturando ficção com temas vividos para além da capa dos livros. Um destes temas é o totalitarismo, trazido ao longo da narrativa através de diversos discursos que envolvem a série.

¹ o termo puro-sangue é frequentemente mencionada ao longo do artigo, porém, estamos nos referindo ao grupo social e a ideologia, e não a condição biológica.

Neste contexto de importância social que constituem toda a narrativa que envolve o universo (e abrangência) da obra, o presente trabalho busca analisar, em termos conceituais, a formação de fronteiras discursivas no livro a “Harry Potter e a Pedra Filosofal (1997) a partir do discurso totalitário construído nesta obra de ficção”.

2. Metodologia

A metodologia do trabalho parte inicialmente de uma revisão bibliográfica acerca da obra de Harry Potter, visando compreender quais os discursos que constituem a ordem totalitária que permeia a obra através de uma análise textual discursiva, sendo o livro central deste trabalho: “Harry Potter e a Pedra Filosofal”. A escolha desta obra centra-se na emergência dos primeiros discursos totalitários e constituem as primeiras fronteiras discursivas que serão desenvolvidas ao longo da narrativa.

Para definirmos o conceito de fronteira, foram utilizados os autores Jones Dari Goettert (2011) e o autor Rogério Haesbaert (2012); para a análise de discurso foi utilizado o autor Michel Foucault (1996), entre outros. Como base de tratamento dos dados, optou-se pela análise de discurso. Esta apresenta o discurso, segundo GREGOLIN (1995, p. 13) como:

Um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semio-narrativas. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz?, como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?).

Desta maneira, buscamos compreender através da análise de discurso as diversas facetas que a obra apresenta, tanto no que concerne a uma análise interna como externa das discursividades textuais, adentrando tanto no campo da linguagem escrita, como nas estruturas que constroem os discursos.

3. Desenvolvimento

3.1 Fronteiras discursivas: uma primeira aproximação teórica.

O conceito de fronteira constitui-se polissêmico e diverso, sendo desenvolvido ao longo da história através de diversas acepções relacionadas as diferentes áreas que utilizam este termo, perpassando a geografia, história, antropologia, linguística, entre outros.

Uma primeira aproximação nos remete ao autor DUARTE (2005), o qual baseando-se no conceito de fronteira em Gilles Deleuze, destaca algumas definições para este conceito, como:

Fronteira são construções. São processos sociais e historicamente produzidos [...] São locais de mutação e subversão, regidos por princípios de relatividade, multiplicidade, reciprocidade e reversibilidade; Fronteiras são sítios da exacerbação e do excesso, onde limites são ultrapassados, novas dimensões descobertas, e reordenamentos encaminhados (DUARTE, 2005, p 01).

Observamos então que as fronteiras são limites que possuem volatilidade na sua constituição, principalmente a partir dos atores que estão inseridos nelas. Muitas vezes o denominado de ““dentro”” dessas fronteiras tem livre circulação, já os de ““fora”” não possuem a possibilidade de permanecer “dentro”; esta relação, dos de ““dentro”” e de ““fora””, pode ser construída tanto por grupos sociais, pelo Estado, entre outras organizações políticas.

O que destaca-se nesta discussão é que o termo, que indica inclusão e exclusão reciprocamente, é formado pela discursividade que estes atores constroem ao longo de sua existência. FOUCAULT (1996) destaca através do binômio Loucura-Razão que a nossa sociedade possui princípios que vão além da interdição dos atores, sendo construídos socialmente como discursos de exclusão. Neste sentido, as fronteiras constituem-se como campos de força que tencionam não só interdições, mas também processos de banimento social.

Nesse sentido, uma aproximação a este debate pode ser elencada a partir do autor GOETTERT (2011), no qual afirma que fronteiras são ““dispositivos de organização do espaço social [...] Pela disposição das fronteiras todo um espaço social é delimitado [...] e organizado como condição para exercício do poder””, englobando tanto relações materiais de exclusão (como muros) como perspectivas imateriais (discursos).

Logo, as fronteiras são parte integrante/aspecto delimitador e neste sentido, a fronteira pode ser compreendida como o limite do território e as práticas sociais que geram a interdição e exclusão de determinados atores. Assim, a fronteira pode constituir relações de poder que extrapolam os limites do Estado-Nação, formando uma discursividade que visa, infelizmente, legitimar socialmente a não inserção de determinados atores.

Ainda, ressalta-se que os discursos possuem de uma série de regras que formam, ao mesmo tempo uma necessidade de pronunciamento pelos indivíduos sem estes terem acesso à própria lógica do discurso. Neste sentido, o autor FOUCAULT, (1996, p. 37), nos convida a entender que existe uma rarefação pois:

ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de inicio, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas

Logo, o conceito de discurso, ou seja, aquilo que é dito, permanece dito e esta por se dizer (FOUCAULT, 1996) constitue na sua essência uma formação inclusiva (mas não totalizante) e uma construção exclusiva. A formação de um discurso então constitui segundo LIJTERMAN (2017, p. 61) “um conjunto de enunciados que seguem um princípio de repartição determinado (surgimento, sucessão, repetição, transformação)”.

No movimento de gênese e repetição (que envolve as mudanças no próprio *ente* discursivo), constrói-se processos de identificação e exclusão de atores imersos nestes processos. É neste sentido que compreendemos o conceito de fronteiras discursivas, pois, e na relação entre os de “*dentro*” de uma ordem discursiva e os de “*fora*” desta ordem (mesmo que imersos em outras discursividades e também presentes no próprio discurso dos de “*dentro*” - em caráter repulsivo) é que se formam as fronteiras imateriais que compõe as lógicas exclusivas.

As fronteiras, enquanto espaços de poder, controle e identidade (GOETTERT, 2011) representa “*dentro*” da ordem do discurso uma barreira, permeável como todo limite, mas que “*dentro*” do *corpus* social forma um campo de poder. A imaterialidade do discurso logo se territorializa tanto no imaginário social como nas próprias práticas que constituem as fronteiras discursivas de inclusão/exclusão de determinados atores.

Na obra que será analisada, observa-se claramente que a formação dos discursos internos ao mundo da literatura da autora J. K. Rowling (1997) forma uma fronteira fictícia (pautada em experiências vivenciadas socialmente pela autora) que desenvolve a formação de núcleos discursivos que compõe processos de identificação e exclusão/aniquilação do outro.

3.2 A gênese do discurso totalitarista do “puro-sangue” na obra Harry Potter.

As fronteiras discursivas na obra Harry Potter é resultado de um processo histórico do universo literário que abrange toda a saga, no qual ao longo de séculos houve caçada aos ditos “bruxos”, resultando em sua clandestinidade em 1692 a partir do intitulado Estatuto Internacional de Sigilo em Magia.

Neste movimento, constrói-se um possível ideário, calcado no ressentimento dos bruxos relativos aos trouxas e, doravante, a gênese da ideologia puro-sangue que percorre o universo.

Tento como ponto de referência este movimento a autora nos remete a uma serie de normativas de exclusão construídas por um determinado grupo de indivíduos, como, por exemplo, a ilegalidade do casamento entre os grupos, criando um movimento de enclausuramento (endogamia) entre o grupo dos bruxos.

No universo da ficção criada pela autora, existem dois momentos: O primeiro, esta relacionado ao personagem Gellert Grindelwald, historicamente datada nas décadas de 1920 e 1940, quando há uma ordem discursiva emergente do grupo que vivia na clandestinidade, ou seja, os bruxos. Neste movimento, fruto de um contexto histórico construído alicerçado na visão dicotômica da sociedade, diversos atores emergem como construtores de uma união e possibilitam a unificação de pautas dispares.

Emerge deste movimento social a construção daquilo que o autor Ernesto Laclau (2013) denomina de hegemonia, pois o grupo assumiria, a partir de uma particularidade, um significado universal incomensurável; cria-se um objeto impossível, um significante vazio que busca abarcar uma totalidade de pautas que seriam impossíveis "dentro" do *corpus* social.

Este significante vazio seria a base discursiva que envolve a superioridade dos bruxos, conforme fica evidente no discurso de Gellert Grindelwald (2018): “Dizem que eu odeio os trouxas. [...] Eu não os odeio, não odeio. Apenas [possuem] uma predisposição diferente. *A magia floresce apenas em almas raras. É concedida àqueles que vivem por motivos superiores.* (Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald 2018, cap. 2. Grifo nosso).

Após a emergência desta lógica originaria de “purificação”, o segundo momento da narrativa marca o início dos eventos principais da saga literária, os quais teriam como pano de fundo a década de 1970, através de uma das frases mais conhecidas e divulgadas no mundo: “*aquele-que-não-se-deve-ser-nomeado*” (ROWLING, 2000, p. 12). Esta enunciação traz consigo uma própria lógica de nomeação, pois, mesmo ao não mencionar o nome, estamos efetivamente nomeando e criando uma áurea de significados em torno do mesmo.

há onze anos venho tentando convencer as pessoas a chamá-lo pelo nome que recebeu: Voldemort [...] tudo fica tão confuso quando todos não param de dizer “Você-Sabe-Quem”. Nunca vi nenhuma razão para ter medo de dizer o nome de Voldemort (ROWLING, 2000, p. 12).

A autora da obra introduz esta discussão a partir da preocupação do personagem Dumbledore, o qual demonstra uma desconfiança ao não nomearmos, pois estariámos criando uma espécie de negação da própria história bem como a construção de novos significados para

aquilo que não pode ser nomeado: “Chame-o de Voldemort. Sempre chame as coisas pelo nome que têm. O medo de um nome aumenta o medo da coisa em si” (ROWLING, 2000, p. 12).

Ao longo da narrativa, a partir da ascensão do personagem Voldemort não só pelo medo (como destacado na análise da frase elencada acima), mas também através do convencimento ideológico há uma retomada do discurso dito “puro-sangue”, o qual será marcado por uma narrativa que acompanha a ascensão do caráter populista do personagem, deslocando significados e construindo um discurso que será a base da fronteira de dicotômica entre os dois grupos. O momento também evidenciaria uma série de atentados, perseguições e mortes do grupo minoritário.

Destacamos que a violência do grupo perante o outro não pode ser o único sustentáculo da construção ideológica totalitária, tendo em vista que é necessário angariar adeptos de “livre e espontânea” vontade. Neste sentido, o discurso violento caminha em conjunto com uma série de significantes que buscam construir um elo comum entre os atores que constituem os de *“dentro”* da fronteira discursiva. Como ARENDT (1989, p. 390) afirma:

os movimentos totalitários que lutam pelo poder podem usar o terror somente até certo ponto e, como qualquer outro partido, necessitam granjear adeptos e pareceres plausíveis de um público que ainda não está rigorosamente isolado de outras fontes de informação.

Em conjunto com esta discussão, após determinado tempo de constituição do regime totalitário na narrativa, o mesmo será derrubado, isolando seu líder e construindo um movimento de “paz”. Todavia, os adeptos do regime, convencidos ideologicamente da supremacia dos “puros-sangues”, não deixam os signos do totalitarismo morrer.

Novamente recorremos a Hannah Arendt (1989), pois, a impermanência dos regimes totalitários e seu curto prazo de existência não deixa dúvidas que os sentimentos trazidos por este movimento permaneçam vivos no imaginário social daqueles grupos que constituíram as fronteiras discursivas. Esta perenidade representa que “os líderes mortos [...] conseguiram contaminar seus súditos com aquele vírus especificamente totalitário” (ARENDT, 1989, p. 356).

Na narrativa da obra, o líder não foi exterminado, mas sim exilado e seus significantes relacionados ao movimento totalitário não deixaram de existir, somente caíram em um esquecimento inesquecível, representado exatamente pela frase: “*aquele-que-não-se-deve-ser-nomeado*”. Neste universo de pseudo-isolamento é que a obra que será analisada tem seu início.

3.3 Os de "dentro" e os de "fora": a constituição das fronteiras discursivas e o totalitarismo.

A obra aqui elencada para a análise, tem início com os eventos relacionados ao personagem Harry Potter, sendo o mesmo caracterizado como órfão e residindo na casa de seus tios no mundo dos trouxas. No livro “Harry Potter e a Pedra Filosofal” (ROWLING, 2000), a autora busca iniciar a narrativa da retomada do movimento totalitário, temática esta que será desenvolvida ao longo dos sete livros da obra.

Associado a um passado recente, a condição que construi as fronteiras discursivas dos de “dentro” e dos de “fora”, narrativa introduz os resquícios imaginários do totalitarismo no universo da obra a partir do contato entre Harry Potter e Draco Malfoy (este ultimo aluno da escola de Hogwarts e “puro-sangue”), a partir de seu dialogo inicial:

- Mas eram [seus pais] do nosso povo, não eram?
- Eram bruxos, se é isso que você estava perguntando.
- Eu realmente acho que não deviam deixar outro tipo de gente entrar, e você? Não são iguais a nós, nunca foram educados para conhecer o nosso modo de viver. Alguns nunca sequer ouviram falar de Hogwarts até receberem a carta, imagine. Acho que deviam manter a coisa entre as famílias de bruxos. (ROWLING, 2000, p.61)

No dialogo, fica evidente que no universo trazido pela autora, existe uma ordem discursiva que mantém-se ao longo das gerações, tendo em vista que a turma que se inicia na gênese do primeiro livro viveria em um mundo, teoricamente, afastado da sombra do totalitarismo. Não obstante, os discursos permanecem como nos destaca FOUCAULT (1996, p. 22) e a enunciação dos significantes do mesmo logo se apresenta como forma “nova”, sendo nada mais que uma remodelação do discurso original.

Quando os novos atores que entram em cena na história de J. K. Rowling (2000) trazem para a discussão os significantes do totalitarismo que foi vivenciado anos atrás e inserem os mesmos princípios enunciados como basilares, mesmo ao longo da obra possuindo outros personagens e “roupagens”.

A fronteira discursiva como campo de força é então colocada em evidencia através da fala do personagem Draco Malfoy, ao delimitar a existência de grupos e, a partir de seus significantes que compõe o discurso do personagem, excluir os ditos trouxas do mundo bruxo. Outra característica que fica evidente na constituição discursiva é a formação de um círculo de estruturas sociais que possibilitaria a própria exclusão dos atores, partindo principalmente do “modo de viver” do mundo bruxo, o qual constrói a fronteira entre *nós* e os *outros*, sendo estes últimos não pertencentes a nosso mundo.

Outro dialogo que evidencia a construção da fronteira se dá a partir da própria forma de elencar adeptos ao totalitarismo, sendo duas formas clássicas: o medo e a ideologia. O dialogo entre Harry Potter e colegas da escola evidenciam estas duas estratégias: “Esse bruxo, faz uns vinte anos agora, começou a procurar seguidores. E conseguiu, alguns por medo, outros porque queriam ter um pouco do poder dele” (ROWLING 2000, p. 36). O poder, para além do universo da magia, pode ser analisado a partir da ascensão do grupo e o domínio sobre outros.

Outros elementos podem ser encontrados que demonstram construção das fronteiras discursivas na obra, como o discurso de fraqueza e até mesmo a ingenuidade dos trouxas frente ao mundo bruxo. Também evidencia-se a cisão na própria classe ditas bruxas, quando a mesma não representa um todo social contrário aos trouxas: “Você não vai demorar a descobrir que algumas famílias de bruxos são bem melhores do que outras, Harry. (ROWLING, 2000, p. 64).

Torna-se evidente, que “dentro” dos movimentos totalitários, a construção dos significantes que constituem uma ordem discursiva que une as massas (ARENDT, 1996) não representa uma totalidade social. Fugindo do mundo da ficção, torna-se claro que os discursos em torno do totalitarismo nunca formaram uma unanimidade socialmente aceita, tendo em vista que a totalidade em si é incomensurável.

Todavia, determinados atores constroem uma narrativa que busca totalizar seu discurso como verdade absoluta, construindo lógicas discursivas que por mais que representem espaços fechados (fronteiras delimitadas) objetivam delinear uma ordem que possibilite um pacto entre os atores sociais, conforme destaca FOUCAULT (1996, p. 42) “é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença, recíproca”.

No entorno da fronteira discursiva criada nos significantes que rodeiam o personagem Voldemort, podemos pensar o mesmo como um agente do processo de tentativa de totalização discursiva. A autora J. K. Rowling, ao dar vida a este personagem evidencia, a partir de experiências do mundo não ficcional, a construção de um arquétipo que diversas vezes foi elencado na história da humanidade, como por exemplo, Adolf Hitler e Josef Stalin.

4. Conclusão

A saga literária Harry Potter é um grande influenciador da cultura popular, onde se constitui como um grande império do entretenimento, de livros e filmes a parques temáticos. Ambientada no Reino Unido durante as décadas de 1980 e 1990. Neste sentido, somos apresentados a uma comunidade dividida, constituindo uma discursividade centrada nos ditos de “dentro” e os de “fora”.

A partir deste contexto, podemos discutir ao longo do trabalho que as fronteiras discursivas são limites estabelecidos por uma ordem de determinados signos, os quais criam papéis sociais que visam estimular a separação entre os atores. Diante destas discussões, o presente trabalho buscou analisar, em termos conceituais, a formação de fronteiras discursivas no livro a “Harry Potter e a Pedra Filosofal (1997) a partir do discurso totalitário construído nesta obra de ficção”.

A partir da análise dos conceitos teóricos utilizados, tornou-se evidente a presença de fronteiras na narrativa, principalmente quando a autora expõem-se a critérios de exclusão dos puros-sangues, os quais consideram os trouxas ilegítimos em meio a comunidade. Esse comportamento é originário de processos históricos ligados à perseguição e clandestinidade dos mesmos em conjunto com uma série de significados ligados a uma superioridade do primeiro grupo.

Observou-se também que na obra há uma introdução ao discurso totalitário, respaldando-se na ideia da construção ficcional do personagem Voldemort, o qual constitui-se como o porta-voz do movimento de unificação social de signos diversos que unificam distintas pautas. Logo, a narrativa do personagem será marcada pela ascensão do caráter populista do mesmo.

Por fim, podemos concluir que a realidade do discurso não ficcional desenvolve, a partir da experiência vivida pela autora, a ficção. Logo, as fronteiras discursivas do universo de Harry Potter estão além das páginas da narrativa, pois os discursos que dão vida aos personagens estão eminentemente relacionados na própria realidade vivenciada ao longo da história da humanidade e constroem no imaginário social uma série de significados que vão além do universo da obra..

Referencial bibliográfico

ANIMAIS Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald. Direção: David Yates. Reino Unido – EUA. Warner Bros. Pictures. 2018. 1 DVD (134 min).



ARENDT, Hannah. **ORIGENS DO TOTALITARISMO**. São Paulo. Editora: Companhia das Letras. 1989.

COSTA, ROGÉRIO H. da (Rogério Haesbaert da) 1958 -. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**/Rogério Haesbaert. – 7º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DUARTE, Luís Sérgio. **O CONCEITO DE FRONTEIRA EM DELEUZE E SARDUY**. Universidade Federal de Goiás. TEXTOS DE HISTÓRIA, v. 13, n. 1/2, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo. Editora: Edições Layola. 1996

GOETTER, Jones Dari. **A FRONTEIRA COMO DISPOSITIVO DE PODER, DE CONTROLE E DE IDENTIDADE (CONSIDERAÇÕES INICIAIS)**. Geografia em Questão. 2011.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Revista Alfa, São Paulo, v. 39, 1995.

LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. Editora: Três Estrelas. 2013.

LIJTERMAN, Eliana. **Problemas de fronteira: reflexões sobre a relação entre o discursivo e o extradiscursivo na Análise do Discurso Francesa. Bakhtiniana, Revista de Estudos. Discurso**. vol.12, nº2, São Paulo, 2017.

ROWLING J.K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. tradução de Lia Wyler – Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTANA, Ana Lucia. **J. K. Rowling**. Fonte: InfoEscola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/j-k-rowling/>>. Acessado em: 07 de jun. 2019.